

sobre tudo

APRENDIZAGENS COM O CURRÍCULO DAS OCUPAÇÕES

Roseli Zen Cerny³⁹

Edna Araujo S. Oliveira⁴⁰

Resumo: Análise do movimento das Ocupações em uma escola secundarista de Florianópolis – SC. Este artigo versa sobre a possibilidade de se pensar o cotidiano de aprendizagem das ocupações enquanto uma proposta de *web currículo*, flexível e empoderador que surge da necessidade de compreensão de um momento político que afetou e afeta a vida de todos nós. Reflete-se aqui, sobre o percurso

³⁹ Doutora em Educação, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Vice-Diretora do Centro de Ciências da Educação - UFSC, Vice-Líder do Observatório de Práticas Curriculares Itinera - UFSC. Contato: rosezencerny@gmail.com

⁴⁰ Pedagoga, Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Doutoranda em Educação pelo PPGE da UFSC, Professora do Centro de Educação a Distância na UDESC, Pesquisadora Colaboradora do Observatório de Práticas Curriculares Itinera - UFSC. Contato: ednaaoliv@gmail.com

que os estudantes da ocupação manifestaram querer aprender, suas articulações por meio das TDIC e os desafios enfrentados com o desfecho de tal situação - as exigências da escola contemporânea, suas práticas, propedêutica e a necessidade cada vez mais crescente de formação multidisciplinar num contexto de integração curricular.

Palavras-chave: Escola; Currículo; Ocupação; Empoderamento; Cultura Digital.

LEARNING WITH THE CURRICULUM OF OCCUPATIONS

Abstract: Analysis of the Occupation movement in a secondary school in Florianópolis - SC. This article deals with the possibility of thinking about the Occupation everyday learning whereas a Web curriculum proposal as a flexible and empowering tool which emerges from the comprehension need of a political moment that affected and still affects all our lives. This paper reflectst about students' trajectory in which they expressed willingness to learn, their articulation through the TDICs and challenges they faced afterwards – the contemporary school demands, its practice as well as the increasing need for multidisciplinary training within a context of curricular integration as an exclusive interest of the government.

Keywords: School; Curriculum; Occupation; Empowerment; Digital Culture.

Introdução

Figura 1: Roda de Conversa sobre a Medida Provisória do Ensino Médio



Fonte: Ocupa Simão em <https://www.facebook.com/ocupasimao/>

O movimento das Ocupações tomou conta de nosso país em outubro de 2016. Mais de mil escolas⁴¹ foram ocupadas por estudantes que não se conformavam com os rumos que o governo do presidente Michel Temer estava encaminhando à educação.

⁴¹ Dados retirados do Jornal El País Brasil. Em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658_698523.html. Acesso em 23 de fevereiro de 2017.

A ocupação foi a forma de protesto eleita pelos estudantes contrários à reforma do Ensino Médio e à PEC 55, que até aquele momento encontrava-se em trâmite legal no governo. Brevemente, cabe ressaltar que o projeto, agora em vigor, limita o teto dos gastos públicos e o fundado receio no momento das Ocupações era sobre a possibilidade de que tais medidas afetassem em sobremaneira o investimento em educação no país nos próximos vinte anos. As mudanças, que começaram a valer no início do ano de 2017, inclui a chamada “flexibilização do currículo”, que trata de um currículo do ensino médio composto pelas premissas da Base Nacional Comum Curricular - BNCC⁴² e por itinerários formativos específicos definidos em cada sistema de ensino e com ênfase principal nas áreas de linguagens e matemática, com supressão de cadeiras propedêuticas como história, sociologia e filosofia.

⁴² A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Na política educacional do MEC tem a finalidade de promover tanto o controle da aprendizagem dos estudantes, como dos professores e da própria escola. Neste processo, o que é relevante para esta política é a geração dos chamados objetivos de aprendizagem (os chamados “direitos de aprendizagem”, designados em competências). O efeito deste procedimento é a produção de um estreitamento curricular sobre a sala de aula, com os professores estudando exames anteriores para tentar identificar algum padrão ou procurando limitar os processos de aprendizagem a objetivos de aprendizagem estreitos e que podem ser treinados em simulados, com vistas a garantir “competências” ao invés de conhecimentos.

Um fato que chamou atenção é, assim como no Estado de São Paulo no ano de 2015, os estudantes reivindicaram, mais uma vez, em âmbito nacional a falta de diálogo do governo ao propor uma medida que afetou diretamente a vida dos estudantes, num discurso comprovador de que as medidas políticas em nosso país continuam acontecendo de cima para baixo.

As experiências vivenciadas na ocupação foram de caráter único. Os estudantes buscaram de diversas formas aprender com o contexto e não simplesmente burlar o currículo do cotidiano como afirmavam levemente alguns jornais e folhetins nas Redes Sociais. Afinal, o currículo também se constrói no cotidiano.

2 Da metodologia às intermitências de um web currículo

A imersão para a pesquisa foi materializada ao aceitar ministrar aula em uma das escolas Ocupadas pelos secundaristas em Florianópolis, Escola Estadual Simão José Hess, que atende ensino fundamental e médio e conta com quase mil estudantes, sendo 238 nos anos iniciais, 305 nos anos finais e 439 no ensino médio. A escola é mais conhecida pela alcunha de Simão e, no momento da ocupação, os secundaristas nomearam de “Ocupa Simão”. A escola possui ótima infraestrutura.

O planejamento da “Ocupa Simão” foi feito inteiramente por estudantes secundaristas que começaram suas reuniões para debater a conjuntura atual do país e do movimento estudantil e o fechamento de escolas em Florianópolis. Impressionados com a

repercussão da situação, solicitaram apoio social e informaram às universidades (UFSC e UDESC) que precisavam de apoio, pois não gostariam de simplesmente anular as aulas, visto que também se aproximava a data do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Assim, a informação chegou até o grupo de estudos sobre Tecnologia e Currículo do curso de Pós-Graduação em Educação, linha Educação e Comunicação da UFSC. No cenário de incertezas educacionais, os acadêmicos da Pós-Graduação com anuência das professoras da disciplina, nos dividimos em frentes de atuação junto aos secundaristas para compreender as necessidades por eles pautadas e pensar em estratégias de auxílio docente.

Pela amplitude de possíveis solicitações curriculares divulgadas por eles via Facebook, Whats'App e pessoalmente na escola, percebemos que a mobilização para aprender o que consideravam realmente útil ultrapassava os muros da escola que ocupavam, assim, surgiu o objeto deste relato.

Com relação às temáticas abordadas nos encontros, foram planejadas desde o início, com a solicitação que os acadêmicos costumavam postar no Facebook e nos murais físicos da escola.

Os estudantes se organizaram em comissões, principalmente por meio das Redes Sociais, seja por grupos de Whats'app e Facebook. Sinalizavam nos cartazes das instituições, assim como nos grupos e comunidades organizadas nas Redes Sociais, suas necessidades de aprendizagem urgentes com vistas à autopolitização para a compreensão do contexto atual - que muitos admitiram não compreender, visando também à

continuidade do currículo que a vida acadêmica exige e que eles necessitavam aprender.

Desde o início do século passado ou mesmo desde um século antes, os estudos curriculares têm definido o currículo de formas muito diversas e várias dessas definições permeia o que tem sido denominado currículo no cotidiano das escolas. Indo dos guias curriculares propostos pelas redes de ensino àquilo que acontece em sala de aula, o currículo tem significado, entre outros, a grade curricular com disciplinas, atividades e cargas horárias, o conjunto de ementas e propostas das disciplinas, atividades, planos de ensino dos professores, experiências propostas e vividas pelos alunos [...] a ideia de organização, prévia ou não, de experiências, situações de aprendizagem realizada por docentes/ redes de ensino de forma a levar a cabo um processo educativo. (LOPES, 2011, p. 20)

Com essa organização, foi possível contribuir para suas aprendizagens com palestras ministradas por professores, advogados, artistas, funcionários públicos e até mesmo algumas figuras políticas, sem se preocupar com avaliações e trabalhos acadêmicos ao final do processo. Havia ali, um currículo urgente, visceral e multidisciplinar mediado pelas TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação).

O currículo é definido como as experiências de aprendizagem planejadas e guiadas e os resultados de aprendizagem não desejados formulados através da reconstrução sistemática do conhecimento e da experiência sob os auspícios da escola para o crescimento contínuo e deliberado da competência pessoal e social do aluno. (TANNER apud LOPES, 2011, p. 20)

E mais, havia ali um currículo “imbricado nas referências mútuas que levam a ressignificar o currículo e a tecnologia” (ALMEIDA, 2011, p. 4), seria então uma forma espontânea de suscitar o *web currículo*? Almeida (2010), afirma que *web currículo* potencializa a criação de narrativas de aprendizagem, o protagonismo pelo exercício da autoria, o diálogo intercultural e a colaboração entre pessoas situadas em diferentes locais e a qualquer tempo.

Figura 2: Aulão sobre Análise de Conjuntura,
Colégio Simão José Hess, Florianópolis



Fonte: Ocupa Simão em <https://www.facebook.com/ocupasimao/>

Pode-se dizer que os jovens estudantes iniciaram um movimento para agregar conhecimento, para enriquecimento individual e coletivo e não apenas para conseguir aprovação em alguma disciplina. O currículo em ação conversou com seus interesses, ultrapassando as rédeas de bases impostas por um planejamento governamental que historicamente cria e desmonta currículos sem a consulta da sociedade, que ignora aspectos do conhecimento verdadeiramente útil (YOUNG, 2007) ao montar a “grade” curricular, que orienta saberes fechados que favorecem índices de avaliações de larga escala e que deixa de lado o conhecimento poderoso.

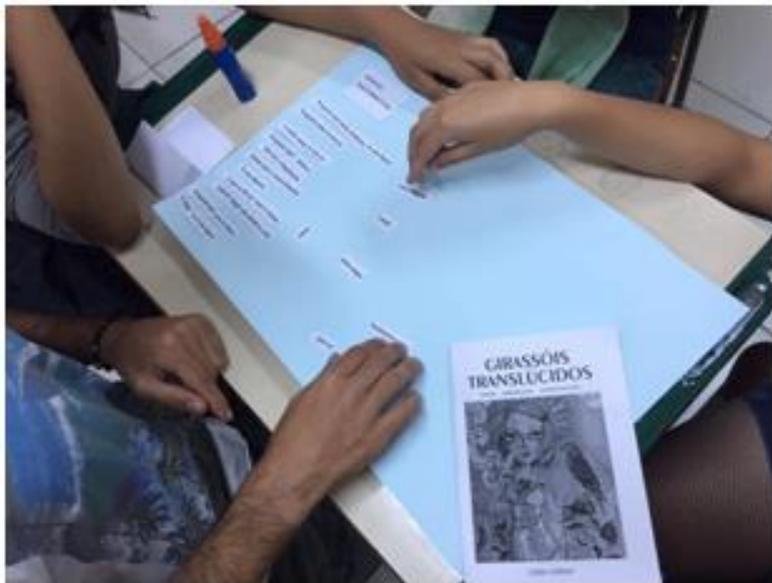
Para a materialização desse currículo, contou-se com um grupo grande, diverso e articulado que acreditou ser possível executar um currículo flexível que pudesse de fato contribuir com

a pauta em questão, pessoas que acreditaram no poder dos estudantes e que se orgulharam com o movimento engajado e puderam perceber que o verdadeiro currículo é aquele que ganha movimento e vida no cotidiano.

Com relação às temáticas, aventou-se a possibilidade de se trabalhar nos temas interdisciplinares envolvendo a “leitura” do contexto político vivido aliado a saberes curriculares. Em um primeiro momento, os colegas da Pós-Graduação propuseram (com base em suas solicitações) trabalhar com discurso midiático, estudo das leis para desvendar os conceitos jurídicos, oficinas de poesia, de redação e aulas específicas de geografia e história. A ideia era elencar alguns conteúdos e os estudantes escolheriam alguns destes para trabalhar mais detalhadamente. As aulas não eram contínuas, eram montadas em oficinas, palestras e grupos de estudos, conforme o interesse dos secundaristas e a disposição de doação de tempo do professor/estudante responsável.

Definidas as temáticas, os professores aceitaram o desafio e, coletivamente, definiu-se que as propostas formativas seriam semanais a depender da temática, seriam organizadas e mediadas por duplas ou trios de professores/estudantes da Pós-Graduação.

Figura 3: Oficina sobre Poesia Marginal,
Colégio Simão José Hess, Florianópolis



Fonte: Ocupa Simão em <https://www.facebook.com/ocupasimao/>

Foram momentos em que dialogamos com os estudantes, introduzindo a discussão sobre a temática interdisciplinar elegida por eles, bem como apresentando o plano de trabalho que seria implementado pela equipe docente. Depois das falas de acolhimento da equipe, os professores se apresentaram, apontando brevemente a disciplina em que trabalham, quais suas opiniões sobre o movimento de ocupação das escolas, além de um breve resumo de sua formação.

Com base na discussão de algumas destas ideias-chave sobre as atividades por eles propostas, foram encaminhadas as demais atividades de ensino e aprendizagem acerca da temática interdisciplinar. Partindo desse pressuposto, o grupo de

acadêmicos/professores da Pós-Graduação optou por fazer do Facebook e Whats'App recursos de comunicação que fomentaram o debate para o cumprimento do desafio interdisciplinar. Estivemos envolvidos(as) com a tarefa de pensar, planejar e (com)partilhar uma docência que nos forçou a questionar os limites estreitos de nossas próprias disciplinas. Este movimento "*web curricular*" foi, antes de tudo, um lugar de encontro no qual uma mesma temática ganhou tonalidades e contornos diferentes provocados pelas histórias de vida e formação de cada um(a) dos(as) professores(as) que promoveram os diálogos e as intervenções com os secundaristas nesta ocupação.

Muitos(as) estudantes participaram dos estudos propostos e se mostraram interessados nos aprofundamentos teóricos. Isso contribuiu para que o(as) professores(as) pudessem acompanhar a apropriação dos conhecimentos disponibilizados, bem como incluir novas nuances e provocações pedagógicas. O compromisso atento com a docência permitiu criar devolutas interessantes que, ao serem lançadas, geravam novas interações e deslocamentos. Houve preocupação constante dos(as) docentes em aguçar a curiosidade dos(as) estudantes sobre o conteúdo apresentado. É importante destacar que a presença atenta das professoras responsáveis pela disciplina na Pós-Graduação foi elemento essencial para que a proposta ganhasse dinamicidade e atingisse os objetivos esperados.

Perguntas instigantes e necessárias ajudaram a compor um mosaico de histórias de vida e escolarização. Lembranças carregadas muitas vezes de saudades de tempos outros em que a

educação se constituía arma crescente, outras de indignação pelo momento vivenciado. Narrativas sendo “revividas” a partir de uma leitura, fato ou relato ora sustentada pelos ensinamentos ali construídos. Uma tarefa que procurou estimular o movimento construído pelo coletivo alunado na tessitura dialógica que nos serviu como inspiração.

Por fim, nossas aulas e oficinas foram encerradas com uma avaliação formativa do processo, do engajamento dos(as) secundaristas, do trabalho realizado em equipe, por um coletivo extenso e diverso, que servirá de subsídio para novas proposições pedagógicas, a pensar a partir daquele momento que nossa prática e nosso currículo podem muito mais.

Ainda sobre a experiência...

Por meio da experiência vivida, evidencia-se assim a constituição de um currículo que é reconstruído por meio da *web* e demais propriedades inerentes às TDIC (tecnologias digitais de informação e comunicação), o que denominamos de *web currículo*.

Integrar as TDIC com o currículo significa que essas tecnologias passam a compor o currículo, que as engloba aos seus demais componentes e assim não se trata de ter as tecnologias como um apêndice ou algo tangencial ao currículo e sim de buscar a integração transversal das competências no domínio das TDIC com o currículo, pois este é

o orientador das ações de uso das tecnologias. (ALMEIDA, 2010, p.8)

Se empoderaram diante da situação fática vivida. E aqui, o empoderamento trata especificamente do “reconhecimento do trabalho do grupo que proporciona novas relações com a cidade e com governos locais”. (BRASIL, 2009, p. 70) Empoderamento mencionado por Paulo Freire, que se pauta no fortalecimento, reconhecimento quanto os atos são realizados por si mesmos, “nas mudanças e ações que os levam a evoluir e se fortalecer” (FREIRE, 2001, p. 29).

As ocupações se fortaleceram com uma proposta de organização diferente das ocupações relatadas em jornais e por personalidades contrárias ao movimento que pudemos perceber, ouvir e ler. Existe aí uma cultura escolar arraigada que não permite que pensemos fora do contexto de um currículo formal, ditado pela tradição da escola e pela tradição política escolar.

Figura 4: Oficina de Artesanato,
Colégio Simão José Hess, Florianópolis



Fonte: Ocupa Simão em <https://www.facebook.com/ocupasimao/>

Houve uma movimentação de indignação para com esses sujeitos que surgia a todo instante, consideravam o movimento ilegítimo, fruto de jovens que desvalorizam a escola e seus saberes, de jovens que estavam o tempo todo nas Redes Sociais. A crítica é bem-vinda, mas precisa ser melhor analisada, carece de empatia e da dialogicidade apontada por Hall (1997). Nas escolas, por exemplo, os secundaristas não queriam basicamente interditar-las, mas fazê-las funcionar de outra

maneira, de modo que as ocupações se apropriaram do espaço e geraram um conjunto de atividades curriculares que faziam com que as escolas cumprissem sua função educativa e de “conteúdo” que é o fator principal da crítica das ocupações. O currículo foi totalmente articulado via Redes Sociais e materializado nas reuniões presenciais.

Conclusão

Dos desfechos, que na realidade podem ser considerados o início de uma conscientização política que nos leva a acreditar que os espaços e decisões que regem as nossas vidas nos pertencem, podemos aferir que para além do adiamento da vitória de manutenção de um currículo justo, a abertura de um diálogo franco entre comunidade, escola e estudantes é um saldo positivo importante dessa experiência. O modelo educacional que compreende apenas lousa, caderno e horas de atenção não faz mais sentido e, espontaneamente, nas Ocupações, os estudantes foram protagonistas, se organizaram e mostraram o que consideravam importante aprender.

Aulas mais dinâmicas, que romperam as barreiras das quatro paredes das salas de aula, debates políticos e eventos culturais aos finais de semana foram alguns dos acontecimentos que surgiram nas ocupações e que podem ser colocados em prática para que o currículo seja de fato considerado flexível. Os estudantes podem nos ajudar a tornar a escola um lugar melhor, mais rico, mais forte, mais empoderador. E precisamos ter em mente que eles não conseguem e nem querem realizar sozinhos.

Outro efeito direto das ocupações foi a participação ativa de pais e mães no movimento que apoiavam os jovens no pedido por ensino público de qualidade. Este é o exemplo claro da democratização do espaço escolar, do pleito que todo Projeto Político Pedagógico tem em seus escritos, que a comunidade, que os pais, mães e tutores legais participem ativamente da escola. As ocupações mobilizaram esta participação e enquanto forma de protesto e foram extremamente válidas para a prática cidadã dos envolvidos.

Do ponto de vista da principal pauta reivindicada, as ocupações não alcançaram o resultado almejado: a Medida Provisória do Ensino Médio e a PEC 55 foram aprovadas, mas os estudantes saíram do movimento com a certeza de terem exercido a cidadania. E o desejo que fica é de que no futuro consigam efetivar uma transformação social que ainda não fomos capazes de fazer ou, que temos feito, a passos muito curtos e lentos. Depende do ponto de vista. O Ocupa Simão, segue.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de e SILVA, Maria da Graça Moreira da. **Currículo, Tecnologia E Cultura Digital: Espaços E Tempos De Web Currículo**. Revista e-curriculum, São Paulo, v.7 n.1 Abril/2011 Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em julho de 2017.

BRASIL: **Seminário Internacional do Programa Cultura Viva: Novos Mapas Conceituais**. Ministério da Cultura, Pirenópolis, 2009.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. (5ª ed.). São Paulo, SP:

Cortez, 2001.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** In: Educação e Realidade 22, jul/dez 1997.

LOPES, Alice Casimiro. **Teorias de Currículo** - São Paulo; Cortez, 2011.

YOUNG. Michael. **Para que servem as escolas?** Revista Educação & Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br/> Acesso em julho de 2017.